

O MISTÉRIO QUE CELEBRAMOS

Carlos Henrique Alves de Resende¹

*“O filho mais novo pergunta:
Por que motivo é esta noite tão diferente das outras noites?”
(Séder haggadáh šel pésach)²*

A teologia litúrgica que emerge do Concílio Vaticano II é expressa, na *Sacrosanctum Concilium*, e nos recorda que a Liturgia está fundamentada no Mistério Pascal de Cristo, como podemos ler: “Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo “morrendo destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida” (SC 5).

O conteúdo da expressão “obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus”, prenunciada no Antigo Testamento, realiza-se plenamente no Mistério Pascal de Jesus. Este é núcleo mais profundo do evento redentor³. Trata-se de uma ação de Deus, que assume todas as ações históricas de Jesus, por meio de sua morte e ressurreição. A ressurreição é um acontecimento dentro da história que, contudo, rompe o âmbito da história e o ultrapassa. A Igreja, “jamais deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal” (SC 6), fazendo da Liturgia o lugar no qual experimentamos a eficácia desta ação.

O mistério pascal é o núcleo da Igreja e da Liturgia. A partir dele se configura a profunda relação entre teologia e culto. Trata-se de uma chave teológica que nos coloca na origem do novo povo de Deus, do novo culto, da nova aliança⁴. A Páscoa de Jesus Cristo, auge da revelação cristã, é a expressão máxima do desejo salvador de Deus (cf. SC 5), capaz de estabelecer justiça e recuperar a aliança com o ser humano, rompida pelo pecado.

Na perspectiva paulina, o mistério de Deus é o acontecimento-Cristo e a ação salvífica de Deus Pai nele, manifestados e realizados na plenitude dos tempos (cf. Cl 1,26-27). A passagem da morte à ressurreição, como triunfo da vida ante a morte e o pecado, e mediante a glorificação do Espírito Santo, é o núcleo do mistério oculto durante séculos no seio do Pai e agora revelado na história⁵.

Na celebração litúrgica aparece toda a riqueza do mistério pascal. Deus quis salvar o ser humano e levá-lo ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4). Por isso intervém na história de seu povo eleito para que seja afastado da idolatria (cf. Ex 20,3) e instruído acerca do caminho do verdadeiro culto em espírito e verdade (cf. Jo 4,23). Nesse mistério se expressa a memória da aliança de Deus com o seu povo, sinalizada no altar erguido (cf. Ex 20,24), estabelecida definitivamente no cálice da nova

¹ Sacerdote da Diocese de Divinópolis – MG, Doutorando em Teologia Sacramental do Pontifício Ateneu Santo Anselmo em Roma.

² Ritual da Celebração da Páscoa Judaica.

³ Cf. RATZINGER, 2012, p.483.

⁴ Cf. Cf. RATZINGER, 2012, p.484.

⁵ Cf. RATZINGER, 2012, p.484.

aliança (cf. Lc 22,20). Portanto, o mistério pascal é o eixo da salvação, da reconciliação e do culto verdadeiro⁶.

O Antigo Testamento mostra a força da consciência de Israel em relação ao mistério da presença de Deus. Quando Deus se revela a Moisés, como o “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), está envolvido o significado do ser e também o da presença, o da assistência, o do ser-com-Israel (cf. Ex 29,45). Sua presença vai sendo entendida como “morada”, como a *Shekinah* do Senhor junto do seu povo (cf. Lv 26,11-12). Deus está na tenda do encontro, onde se encontra a arca da Aliança e onde o povo é convocado para escutar, orar e prestar sacrifícios (cf. Ex 29,42-43). O templo, posteriormente, sinaliza esta presença (cf. 1Rs 8,10-11), embora exista a consciência da superioridade de Deus, que não cabe num lugar, mas que escolhe um sinal para manifestar sua presença (cf. 2Cr 5,5-14).

O sinal da presença de Deus em meio ao seu povo permite uma comunhão cultural. Deus, na realidade, não está sujeito a um lugar, ele quer morar com seu povo. Sinal disso, é que, por ocasião do exílio, Deus, com sua glória, vai à Babilônia, lugar onde se encontra o seu povo. É o povo que se transforma em templo verdadeiro, morada de Deus; mais ainda: é o coração purificado e santificado que é o lugar da presença do Senhor (cf. Ez 36,26-27).

No mistério de Jesus culmina a presença de Deus no meio de seu povo. Ele mesmo, em si, já seria o próprio Reino de Deus: *autobasileia*. O próprio Jesus nos ajuda a entender isso: “Mas, se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então chegou para vós o Reino de Deus” (Mt 12, 28).

O mistério da presença de Jesus se torna pleno na experiência da ressurreição. Cristo está vivo e presente, é o vivente. Em seu corpo se acumularam todos os mistérios vividos na carne (cf. Jo 20,27). O Crucificado é o Ressuscitado. A presença do Ressuscitado fundamenta a convicção de fé dos discípulos, em continuidade com aquela experimentada antes de sua paixão⁷. E mesmo no tempo de sua ausência, sua presença é constante. Sobre isso, Paul Evdokimov, comentando um ícone da ascensão, diz que “a ascensão significa que a presença de Cristo muda de modalidade, é interiorizada. Não está mais diante de seus discípulos, diante deles (apenas biofísicamente); está presente em cada manifestação do Espírito, como está na Eucaristia”⁸.

Interessa-nos considerar a novidade da teofania do Ressuscitado, que consiste no fato de que Jesus é verdadeiramente o homem que sofreu e morreu, mas que agora vive de modo novo na vida do Deus vivo. Ele aparece aos discípulos como verdadeiro homem, mas glorificado com sua vida transformada por Deus. A presença do Ressuscitado faz arder o coração dos discípulos, ajudando-os a entender todas as coisas (cf. Lc 24,32). Tal presença redimensiona o caminho e faz ir de encontro à comunidade (cf. Lc 24,33), lugar onde o próprio Senhor se manifesta (cf. Jo 20,19-26).

Ao celebrar o mistério pascal, a comunidade de fé celebra, portanto, a presença do Ressuscitado que, junto do Pai e por força do Espírito Santo, realiza a obra de salvação da humanidade. No entanto, o enfoque de compreensão do mistério pascal, principalmente na eucaristia, varia historicamente, influenciando sobremaneira no modo de celebração da comunidade e do acesso a esse mistério. Nesse sentido, José Ariovaldo da Silva apresenta uma abordagem histórica da compreensão do mistério pascal na eucaristia, considerando-a em dois blocos, a saber, primeiro e segundo milênios, que devem ser compreendidos em seu aspecto teológico e não cronológico⁹.

O primeiro milênio teológico tem como principal fonte de reflexão teológica a centralidade do mistério pascal, que se realiza e se expressa de forma especial na eucaristia, que é a principal fonte

⁶ Cf. GIRAUDO, 2014, p.63-85.

⁷ Cf. CASTELANNO, 2008, p.141.

⁸ EVDOKIMOV, 2010, p.129.

⁹ Cf. BUYST-SILVA, 2003, p.25-41.

da espiritualidade cristã. É em torno da eucaristia que os cristãos se reúnem e são alimentados para terem coragem de prosseguir sua caminhada no seguimento de Jesus, sentindo a força de sua presença.

Neste contexto se compreendia a eucaristia no culto e a partir do culto. Giraudou exemplifica isso se reportando às catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio. Nelas, fica claro que a verdadeira compreensão do mistério passa pela própria Liturgia. Assim, para se compreender a eucaristia, basta um olhar atento para as preces eucarísticas da Igreja¹⁰. A própria iniciação à vida eucarística obedecia a uma metodologia: a mistagogia. O mistagogo ensinava o conteúdo teológico da eucaristia com um olhar nos seus ouvintes e outro no altar¹¹, bem como o conteúdo dos outros sacramentos, atento aos sinais sacramentais que o realizam.

No segundo milênio teológico aconteceu um deslocamento de eixo na compreensão da celebração da eucaristia. A reflexão teológica sobre o mistério pascal e sua aplicação na Liturgia adquire características peculiares das quais vai se ausentando o essencial. Da centralidade do mistério pascal tão explícita no primeiro milênio, passa-se a uma reflexão mais voltada para uma teologia eucarística e dos santos, enfatizando-se a presença real de Jesus nas espécies consagradas.

Certa especulação racional da reflexão teológica passa para a celebração do mistério pascal e para os ritos a ponto de o povo não entender e não participar mais ativamente da celebração do mistério. Tudo se torna muitas vezes mera encenação e o essencial se perde, diluindo-se em atitudes, estilos artísticos, rubricas rígidas e devoções escrupulosas.

Esse caminho é recebido pelo Movimento Litúrgico e pelo próprio Concílio Vaticano II, que por sua vez, não buscaram considerar a história numa dimensão antagônica. No final do século XIX, mas sobretudo no início do século XX, a partir dos avanços nas pesquisas das fontes bíblicas, patrísticas, litúrgicas, e até mesmo arqueológicas, do primeiro milênio, começou-se a perceber o quanto havíamos nos distanciado das tradições cristãs mais antigas e das raízes cristãs mais genuínas no que diz respeito à Liturgia.

A Liturgia na perspectiva conciliar

A centralidade do mistério pascal é preconizada pelo concílio que assume toda a história, tanto do primeiro quanto do segundo milênio. Na Liturgia este mistério é o grande polo irradiador de luz que fundamenta e fecunda toda a experiência cristã.

A teologia da Liturgia na perspectiva conciliar se assenta num esforço de resgate do que foi perdido ao longo da história da reflexão teológica. A vasta riqueza oriunda das pesquisas das fontes bíblicas e patrísticas possibilitou ao documento conciliar sintetizar a grande reflexão do movimento litúrgico acerca da centralidade do mistério pascal. Trata-se, na visão de Ruiz de Gopegui, de uma consequência lógica da concepção de Liturgia como presença e atualização da *historia salutis*¹². Ele ainda completa: “sendo o mistério pascal o centro da história da salvação, ele deve ser o centro da Liturgia”¹³.

O texto conciliar se propõe a um verdadeiro resgate da compreensão e vivência da Liturgia como celebração do mistério pascal, como momento histórico da salvação. O que apresenta a Liturgia como a fonte mais excelente de espiritualidade cristã (cf. SC 10), superando a visão meramente exterior e utilitarista da Liturgia em favor de uma visão eminentemente teológica da mesma.

¹⁰ Cf. GIRAUDDO, 2014, p.7-13.

¹¹ Cf. BUYST-SILVA, 2003, p.25-41.

¹² Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p.35.

¹³ Ibid.

A Palavra de Deus é o anúncio da história salvífica, e a Liturgia é a celebração ritual deste evento. Ela realiza aquilo que significa em Cristo. O que nos coloca na dinâmica do próprio mistério celebrado.

A Páscoa é a passagem da morte para a vida. Portanto, o mistério pascal coloca a encarnação e toda a vida de Cristo num plano decididamente litúrgico. A Páscoa é também sacrifício e é ato de culto; através da oferta de Cristo os seres humanos são libertados e alcançam o santuário, isto é, o culto perfeito (cf. Hb 10,19-22). Assim, compreende-se a centralidade desse mistério na Liturgia. Ao mesmo tempo em que este mistério constitui uma anamnese da obra da salvação, ele se apresenta como uma presença, como atualidade desta obra e, ainda, como anúncio de salvação, na perspectiva de uma consumação escatológica.

Marsili considera que é a Páscoa de Cristo, senão o ponto de atuação de todo o mistério da salvação e o ponto de encontro dos momentos e acontecimentos nos quais o mistério se revela e se integra? E eis que já na mais antiga e primitiva tradição litúrgica conhecida (1Cor 11,26) tal sentido se revela: “Todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha¹⁴.”

Nesse horizonte, a celebração litúrgica é mergulho no mistério pascal em sua inteireza. A Liturgia nos coloca diante “daquele que esteve morto, mas agora vive para sempre” (Ap 1,18). Na celebração continua a se repetir o que aconteceu no “lugar onde os apóstolos estavam reunidos” (Jo 20,19) depois da ressurreição de Cristo. Como eles, a comunidade reunida se encontra sempre com o Ressuscitado. Na Liturgia, hoje, tal como ontem, o Ressuscitado vem e se faz presente em nosso meio (cf. Jo 19,19.26), convidando-nos a experimentar a força da sua vitória sobre a morte.

Somente fazendo a páscoa, isto é, passando deste mundo para o Pai, pela morte e pela sua ressurreição, é que Cristo levou a termo a salvação de toda humanidade. Esta, por sua vez, é chamada a reencontrar a comunhão com Deus, a morar em seu santuário (cf. Ef 2,19-20). O que acontece pelo “caminho novo que Cristo inaugurou para nós através da cortina de sua humanidade” (cf. Hb 10,19-20).

A Liturgia, e de modo excelente a eucaristia, sinaliza esta realidade. Comendo com o Senhor, bebendo do seu cálice, experimentamos o mistério de sua páscoa (cf. 1Cor 11,23-25). E cada celebração se torna uma experiência pascal, isto é, “uma passagem deste mundo para o Pai” (Jo 13,1).

A Liturgia é a continuação, em termos simbólico-rituais, da economia divina, portanto significa a história da salvação em ato¹⁵. Desse modo, a Liturgia é a celebração memorial do mistério de Cristo; enquanto tal é sempre presença de todo o mistério de Deus, que se encontra explicitado em seu Filho.

A Liturgia, como realização do mistério pascal de Cristo, tem sua própria razão de ser a partir da presença de Cristo nas ações litúrgicas, o que inspira a própria estrutura ritual que a constitui. Ele, como Sumo Sacerdote, por meio de sua palavra e dos sacramentos, continua presente à sua Igreja.

A Igreja continua a obra de Cristo e a torna efetiva na Liturgia

Na Liturgia a Igreja e cada um dos fiéis participam do mistério pascal de Cristo e entram no movimento desta história de salvação, operando com a caridade de Cristo a transformação de si mesmo e do mundo, antecipando na esperança o cumprimento escatológico do Reino de Deus. Do mistério pascal a Igreja nasce e continuamente se alimenta (cf. SC 5).

¹⁴ MARSILI, 1986, p.172.

¹⁵ Cf. JAVIER FLORES, J. ob. cit., p.252.

A base da celebração litúrgica é Jesus Cristo. A Liturgia só é compreendida e celebrada em Cristo e em seu corpo místico que é a Igreja, nascida do lado do Senhor adormecido na cruz. Nesse sentido, Cristo é a nossa reconciliação e a plenitude do culto divino (cf. SC 5). A morte e ressurreição de Cristo constituem, portanto, o conteúdo do mistério cultural, de tal modo que Cristo é o sujeito que realiza a ação e a Igreja se torna sua cooperadora na ação cultural.

O ato salvador, acontecido historicamente, transcende as dimensões espaço-temporais e alcança o presente, pois sacramentalmente Cristo está presente em nossa história. Trata-se de uma presença real e objetiva. Segundo Casel, o mistério do culto é a reapresentação e renovação ritual do mistério de Cristo, de modo que se torna possível, para nós, entrar e fazer parte desse seu mistério. Esse mistério de culto é, portanto, um meio com o qual o cristão vive no mistério de Cristo, de modo atualizado. O mistério de Cristo alimenta o mistério do culto para que nós possamos chegar à realidade do mistério de Cristo¹⁶.

Louis Bouyer apresenta o caráter performativo da páscoa, em que a experiência de Cristo nos assume e nos arrasta. A páscoa é Cristo que morreu e ressuscitou de uma vez para sempre, fazendo com que partilhássemos da sua morte e ressuscitássemos para a sua vida. Ele reitera: “Não é simples comemoração; a Páscoa é a Cruz e o Sepulcro vazios hoje presentes. [...] Eis o mistério da Páscoa: com a Sua Cabeça imutável, o corpo que é a Igreja sempre a renovar-se, toma parte na Ceia, estende-se na Cruz e desce ao Sepulcro para dele sair ao terceiro dia”¹⁷.

Assim, a Liturgia nos coloca diante desta realidade salvífica: é Cristo quem age nela e não podemos agir a não ser por ele e com ele. Por nós mesmos não podemos construir nosso caminho para Deus¹⁸. Esse caminho não se abre até que Deus mesmo se torne o caminho. De tal forma que, na Liturgia, o próprio Logos divino se comunica a nós de modo profundo, pois assumiu a integralidade de nossa humanidade, a fim de nos unir a ele, de nos fazer um só corpo.

Deus se revelou a nós para que o conhecêssemos e pudéssemos fazer comunhão com ele. A Liturgia, nesse sentido, deve nos fazer voltar a ele. Simbolicamente, isso é expresso desde os primórdios da Igreja: a orientação do edifício do culto para o Oriente é a expressão da síntese cristã do Cosmos, da História, da consolidação dentro da singularidade da História da Salvação e da aproximação do Senhor que há de vir¹⁹. O símbolo cósmico do sol nascente, para Ratzinger, é a expressão da universalidade que é superior a todo lugar, afirmando, ao mesmo tempo, o concreto da revelação de Deus. A nossa oração se insere na dinâmica da peregrinação dos povos rumo a Deus.

Além disso, outra realidade simbólica que chama a atenção é o hábito de erigir o altar por cima de túmulos de mártires, que perpetuam a entrega do Cristo ao longo da história, de modo que eles são o altar vivo da Igreja, construído não por pedras, mas sim por reais testemunhas que se tornaram membros do Corpo de Cristo. Cristo é oriente da Liturgia. O olhar de todos deve convergir a Ele, como Aquele que realiza na Liturgia a obra da salvação²⁰. A celebração da Igreja, nesse caso, tem como ponto de partida e como fim último, o mistério pascal do Cristo, no qual somos mergulhados e pelo qual, no Espírito, configuramo-nos como filhos no Filho.

A Liturgia, portanto, não é entendida fora de sua relação com o sacerdócio de Cristo e com a ação do Espírito Santo. Ela é a ocasião em que a Igreja se manifesta mais plenamente como sacramento de Cristo. Desse modo, o mistério da Liturgia é sacramental. Isto é, comunica uma

¹⁶ Cf. CASEL, ob. cit., p.13-20.

¹⁷ BOUYER, 1969, p.320.

¹⁸ Cf. RATZINGER, 2012, p.486.

¹⁹ Cf. RATZINGER, 2010, p.56.

²⁰ Cf. RATZINGER, 2010, p.57-59.

realidade primordial que é sobrenatural e invisível, por meio de um sistema de elementos visíveis e pertencentes a nossas realidades temporais. Trata-se de uma ação que procede do Pai, realiza-se em Cristo pelo Espírito Santo, e mediante esse mesmo Espírito nos incorpora ao culto de Cristo para nos levar ao Pai. Cristo é o ator principal do mistério da Liturgia, que é o próprio mistério de Cristo²¹.

A realidade litúrgica é Cristo. Cristo presente, o que foi imolado e agora é glorioso; que transmite a sua vida divina, real e objetivamente; que exerce a função de mediação de um determinado modo, sob o véu de coisas sensíveis e simbólicas. A Liturgia é um ministério, um serviço à epifania de Deus que acontece mediante o significado de palavras e gestos realizados na ação litúrgica.

A Liturgia é a suprema realização da Igreja e a sua mais forte manifestação. O fruto da Liturgia é a edificação da própria Igreja, mediante os cristãos, como templo de Deus destinado ao louvor de sua glória²². É na Liturgia que se recapitula toda a realidade de Cristo, imagem do ser humano, restaurando todas as criaturas em conformidade com o projeto de Deus. A Liturgia é, também, imagem da Igreja, pois nela se revela sua própria natureza: ser sinal da presença salvadora de Cristo.

A Igreja presta culto a Deus e celebra a Liturgia precisamente como Corpo de Cristo. A Igreja é, concomitantemente, agente do culto e conteúdo do próprio culto²³, de modo que o culto litúrgico manifesta à Igreja a presença de Cristo ao mesmo tempo em que a faz sinal da presença dele. Poderíamos dizer que nos tornamos aquilo que celebramos. Incorporados à Igreja pelo Batismo, recebemos o caráter que nos delega para o culto cristão, e a graça de professar a fé que recebemos (cf. LG 11), “pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo” (1Cor 12,13).

Nas celebrações litúrgicas encontramos a vivência mais plena do mistério da Igreja. É na Liturgia que a Igreja adquire a consciência mais plena de si mesma e se manifesta em sua realidade sacramental, sacerdotal, comunitária e hierárquica. É certo que a Liturgia não esgota toda a ação da Igreja (cf. SC 9), mas é o cimo para o qual se dirige e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda sua força (cf. SC 10).

Na *Sacrosanctum Concilium*, depois de considerar que a história da salvação culmina na morte e ressurreição de Jesus, assim como o nascimento da Igreja e com ela da Liturgia (cf. SC 5), passa a tratar da Liturgia como celebração dessa história, particularmente da obra salvífica de Jesus Cristo. O texto conciliar assim expressa: “Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só porque, pregando o Evangelho a todos os homens anunciassem que o Filho de Deus com sua morte e ressurreição nos livrou do poder de satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas também para que levassem a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica, a obra da salvação que anunciavam (cf. SC 6).”

A afirmação principal desse texto é retomada no início do n. 7 da Constituição: “Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas”. Assim, coloca-se para nós a questão: se Jesus nos salvou, o que a Liturgia acrescenta a esta obra? O que significa dizer que ela deve ser levada a efeito?

Gregório Lutz argumenta que não se trata de completar ou, sem mais, de continuar a obra de Cristo, como se ela não tivesse sido perfeita. Deus fez por meio de Jesus Cristo tudo para a nossa salvação. Mas ele nos quer salvar na liberdade, para a liberdade²⁴.

²¹ Cf. ESCOBAR, 2005, p.31.

²² Cf. MALDONADO-FERNANDEZ, ob. cit., p.269.

²³ Cf. MALDONADO-FERNANDEZ, ob. cit., p.268-274.

²⁴ Cf. LUTZ, 2003, p.52-66.

Livremente nos colocamos contra Deus pelo pecado, livremente devemos também aceitar a salvação que Deus operou para nós. Precisamente assim a salvação pode ter efeito: se nós nos voltamos para Deus, se ouvimos sua palavra e a colocamos em prática; e se acolhemos o presente de uma nova vida, de uma nova história, do Reino que Jesus veio anunciar.

Essa acolhida e essa aceitação acontecem por uma vida em obediência a Deus, mas de modo especialmente consciente e intenso na Liturgia. É como a Constituição sobre a Liturgia diz: “Para levar a efeito obra tão importante [a obra da salvação] Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas” (SC 7). Portanto, dizendo “sim” a Deus, à sua vontade e à sua obra é que se leva a efeito a salvação, sobretudo quando celebramos na Liturgia esse nosso sim vivido existencial e cotidianamente.

Com efeito, a Liturgia cristã se torna momento privilegiado da história da salvação, como reflete Ratzinger, *“Ele desceu. E isto significa que existe na altura, a majestade, o senhorio de Deus e de Jesus Cristo; a majestade absoluta da sua palavra, do seu amor, do seu poder. [...] Mesmo na descida mais profunda, mesmo no abaixamento e no escondimento mais extremos, Deus permanece o verdadeiro alto. [...] A nossa salvação é tornarmo-nos “corpo de Cristo”, como o próprio Cristo; aceitando-nos a nós mesmos todos os dias por Ele; restituindo todos os dias, oferecendo todos os dias, o nosso corpo como lugar da palavra”*.²⁵

A Liturgia é expressão da fé cristã²⁶. O dom do Espírito inaugura um tempo novo, o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica sua obra de salvação pela Liturgia da sua Igreja (cf. CIC 1076), até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). Na Liturgia, Cristo significa e realiza seu mistério pascal. Ao dar o Espírito Santo aos apóstolos, o Ressuscitado confia a eles seu poder de santificação. E ele mesmo, presente em sua Igreja, associa a si esta Igreja que por ele presta culto ao Pai (cf. SC 7). Celebrados na fé, os sacramentos conferem a graça que significam (cf. CIC 1127).

A presença de Cristo prometida aos apóstolos é experimentada pela escuta da palavra e pela fração do pão (cf. Lc 24, 31-32). Essa presença de Cristo nas ações litúrgicas se dá na eucaristia, na pessoa do ministro, na Palavra proclamada, na comunidade reunida (cf. SC 7) e manifesta a eficácia do mistério celebrado, pelo qual Deus toca afetuosamente os seus, fazendo-os experimentar, na Liturgia, a força da salvação operada por Cristo.

A lei fundamental da Liturgia não consiste em dizer aquilo que se faz, mas em fazer aquilo que se diz. Consiste, ainda, em se dar conta de que a consciência da presença e da ação de Cristo se traduz em uma espiritualidade, em que aquele que fez a experiência da salvação, deve contribuir para a salvação dos irmãos. Trata-se de uma verdadeira identificação com Cristo.

O escopo pretendido por Deus ao dispor e dirigir a história e ao comunicar sua vida íntima às criaturas se realiza na pessoa de Cristo de modo absolutamente pleno e definitivo. Nele, sobretudo depois da ressurreição, a comunicação da vida às criaturas atinge o seu cume e sua epifania absoluta. O cristão é chamado a entrar nesse mistério, ser absorvido por ele, a atingir a estatura de Cristo (cf. Ef 4,13). A Liturgia comunica e realiza o agir de Cristo em nós.

Por meio da Igreja, Cristo, o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado realiza o seu mistério nas almas e completa, como afirma Vaggagini, o sentido da história, ao enviar os apóstolos e os seus sucessores na hierarquia, munidos das funções específicas de santificar, de ensinar e de governar segundo o Espírito Santo que vivifica interiormente a obra de Jesus²⁷.

²⁵ RATZINGER, 2006, p.65-70.

²⁶ Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 36.

²⁷ Cf. VAGAGGINI, 2009, p.36.

Como Cristo realiza na sua pessoa o sentido da história, por ser Palavra encarnada de Deus, também a Igreja exprime e realiza em si o sentido da história por ser, na terra, expressão humano-divina do ser e do agir de Cristo, sacramentalmente. Assim, resgata-se o valor da linguagem simbólico-sacramental de toda a Liturgia, pela qual o mistério de Deus é comunicado a seu povo e este, por sua vez, comunica-se com o mistério, acolhendo a salvação e se comprometendo com o projeto do Deus da vida (cf. SC 6).

Grande valor é dado à dimensão eclesial-comunitária da Liturgia e, por conseguinte, à assembleia litúrgica, povo sacerdotal, Corpo de Cristo. A assembleia é vista como sujeito da celebração. É todo o povo que, presidido por seus pastores, celebra em Cristo a sagrada Liturgia. Disso nasce a importância da participação plena, consciente e ativa dos fiéis na Liturgia, como direito e dever do povo cristão (cf. SC 26.48). Importante, ainda, é o esforço de valorizar uma tradição antiga de uma Liturgia que sabe se adaptar à índole dos diferentes povos (cf. SC 37-40).

Anunciar a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Cor 11,23-25) inclui, para os que participam da Liturgia, o compromisso de transformar a vida, de tal forma que ela se torne eucarística. Uma vida em que a morte seja vencida, em que o desamor seja superado e as relações reconstruídas.

A vida cristã se torna uma vida pascal, porque vida dos que foram sepultados com Cristo, no Batismo, para viverem, com ele, uma vida nova. Essa vida nova é a vida de Cristo Ressuscitado, aquele que, por ter oferecido a vida ao se entregar à morte, vive agora na glória do Pai (cf. Fl 2,11).

A força da expressão ritual: somos inseridos no mistério

A Liturgia nos incorpora a Cristo, pelo Batismo somos inseridos em seu Corpo Místico e nos configuramos com Cristo, para sermos, nele, um só corpo (cf. 1Cor 12,13). Participando da Liturgia somos elevados à comunhão com ele e entre nós (cf. LG 7).

A história da salvação é história humana enquanto plena da presença de Deus ou finalizada por suas intervenções salvíficas²⁸. A presença de Deus na história pela criação, pela encarnação, pela Palavra e pelos sinais, não é uma presença periférica ou acidental, mas ativa e essencial. Isto é, uma presença na qual Deus age se doando, comprometendo-se, comunicando-se e nos tornando partícipes da vida dele.

Maldonado afirma que a autocomunicação de Deus na história faz do imanente sinal do transcendente, do limitado referência para o ilimitado, do histórico revelação do meta-histórico e do humano transparência do divino²⁹. Portanto, a história se transforma em lugar do encontro e da experiência de Deus e em lugar de conhecimento e reconhecimento do outro. O estar de Deus na história, fecundando-a com sua presença e atividade, com seu amor e sua graça, é o que dá à história a estrutura sacramental que a impregna.

A estrutura sacramental da história salvífica tem seu ponto mais significativo de concentração e expressão na Liturgia da Igreja. Nela, de modo privilegiado nos sacramentos, atualiza-se, continua-se e se realiza a salvação na história. Contudo, Deus é quem toma a iniciativa de um diálogo entre ele, o ser humano e o mundo. Diálogo que vai se desenvolvendo progressivamente através de alguns personagens e acontecimentos, por meio dos quais se exprime o encontro entre Deus e a humanidade, o que supõe a doação da graça por parte de Deus e a fé de nossa parte. Os sacramentos, como recapituladores da estrutura sacramental da história salvífica, são a expressão celebrativa mais significativa de uma continuidade do diálogo salvífico de Deus com o seu povo.

²⁸ Cf. MALDONADO-FERNANDEZ, ob. cit., p.295.

²⁹ Cf. MALDONADO-FERNANDEZ, ob. cit., p.295.

Do ponto de vista teológico, a Liturgia é um conjunto de ações rituais que tem sua origem em Cristo e na relação dos discípulos com ele, e que é transmitido de geração em geração como expressão fundante da fé cristã³⁰. Sob o manto dos sinais sensíveis e eficazes, ela é o ponto de encontro, em Cristo, do Deus que santifica o seu povo e da Igreja, povo santificado, que responde a Deus, rendendo-lhe culto.

A continuidade da salvação e da missão de Cristo pela Igreja, sacramento principal, manifesta-se de forma mais concreta na vida das pessoas e nas diversas situações que a permeiam, e que são expressas na Liturgia. A linguagem litúrgica explicita o mistério do anúncio que Deus faz de si em Jesus Cristo, celebrado na Liturgia e tornado conhecido e presente sacramentalmente. A função da linguagem litúrgica não é fornecer informações sobre os conteúdos da fé, nem comentar as ações litúrgicas. A linguagem é parte essencial e suporte do desempenho da celebração litúrgica³¹.

Na celebração litúrgica, a linguagem não se presta apenas às orações diante de Deus e dirigidas a ele, mas também, e sobretudo, de meio de comunicação numa comunidade humana. Essa comunidade está sob a influência do que se está celebrando, assim como sob a influência das formulações específicas da comunidade tradicional da Igreja. A linguagem gestual faz parte da ação litúrgica, e é expressa através de sinais sensíveis e realiza, de modo próprio, a santificação dos fiéis (cf. SC 7). Essa linguagem chamamos ritualidade. Um modo elaborado ao longo do tempo para estabelecer o diálogo com o fundamento da experiência e, ao mesmo tempo, para significá-lo em nossos dias.

Rito é um conceito antropológico que nos permite abordar a sacramentalidade da Liturgia via ciências humanas, como afirma Ione Buyst³². Trata-se de um conjunto de gestos, eminentemente corporais, expressão da identidade do grupo, modelo de ação humana. Carrega valores simbólicos que são efetivados na realização do rito. Por isso, dizemos que a ação ritual é performativa, ela perfaz, realiza, faz acontecer algo nas pessoas que dela participam³³.

Nessa perspectiva, o rito está relacionado com o sentido da vida. É uma condensação de uma determinada maneira de ver a vida, o ser humano, o cosmo, a história. O que reflete um caminho assimilado por um determinado grupo cultural³⁴. Na ritualidade, a tradição é mantida e passada de geração em geração. Rito tem a ver com repetição, com ritmo, exige fidelidade à tradição, porque perder o rito significa perder a referência comum que permite a identificação, assim como a coesão grupal³⁵.

Não se trata de algo mágico, a ser reproduzido de forma mecânica, mas de uma ação ritual que transfigura uma realidade. O rito religioso expressa, provoca e revitaliza nossa relação com o transcendente, com o sentido absoluto. Na Liturgia, os sinais sensíveis apontam para a obra da salvação realizada ao longo da história humana, tendo seu ponto culminante na pessoa de Jesus Cristo. Não apontam para o Deus da metafísica, mas para o Deus radicalmente encarnado e revelado na história, aquele que venceu na cruz (cf. 1Cor 1,23). O rito repete os fatos primordiais da vida do fiel, volta aos seus arquétipos, retorna às suas origens, atualizando-os e tornando-os presentes.

³⁰ Cf. BUYST, 2011, p.50.

³¹ Cf. GERHARDS-KRANEMANN, ob. cit., p.233.

³² BUYST, 2011, p.48.

³³ Cf. CROATO, 2001, p.329-353.

³⁴ Cf. BUYST, 2011, p.70.

³⁵ Cf. BUYST, 2011, p.71.

A Liturgia celebra Cristo de modo atual, presente no meio de sua Igreja. Celebra não os fatos salvíficos do passado como mero passado, mas o núcleo da realidade supra-histórica desses fatos, que os torna contemporâneos de todos os tempos. A Liturgia é atualidade e não mera recordação.

Cipriano Vagaggini chama atenção para esta estrutura sacramental que a SC apresenta como sendo a estrutura da história da salvação, da Igreja e de toda a Liturgia³⁶. Cristo, ao voltar para o Pai, instituiu a Igreja na qual e pela qual continua a sua ação e confere, por obra do Espírito Santo, a cada ser humano a salvação por Ele consumada. O que só é possível porque ele mesmo não está longe da sua Igreja, mas está presente de maneira íntima, operando nela e por ela.

A fé não existe fora da economia simbólico-sacramental, coerente com a encarnação do Verbo e com o memorial deixado pelo Crucificado-Ressuscitado. Liturgia é um dado da Tradição, tanto no que diz respeito àquilo que deve ser feito, quanto ao significado daquela ação (cf. Lc 22,14-23; 1Cor11,23-25).

No âmbito da Liturgia, rito é a expressão incorporada da eclesialidade e da transcendência histórica da oração e dos atos litúrgicos. Nele se concretiza a ligação da Liturgia ao sujeito vivo que é a Igreja, a qual, por sua vez, é marcada por sua ligação à forma de fé que se desenvolveu na tradição apostólica. A definição essencial da Liturgia pode nos proporcionar aquilo que esperamos dela: a celebração da magnitude que se aproxima de nós, que não é arquitetada por nós, mas que se nos oferece.

Liturgia como culto é ação da Igreja (cf. SC 7) e os seus sinais, nos quais se exprime sensivelmente o culto litúrgico, são sinais da Igreja e não de pessoa privada. Para o indivíduo prestar o verdadeiro e pessoal culto a Deus na Liturgia, deve necessariamente fazer seus, aqueles sinais da Igreja e aquelas realidades que ela exprime, sintonizando-se com eles.

Odo Casel se propõe essa questão: como é possível realizar uma obra tão elevada, em que Deus e o ser humano cooperam realmente e cada um segundo seu modo, Deus como agente principal, o homem como agente passivo, recebendo a ação divina e aí colaborando pela virtude de Deus? A resposta, o autor afirma, está dada no fato de que o próprio Senhor instituiu para nós os mistérios do culto, isto é, as ações sagradas que nós cumprimos, mas que o Senhor realiza em nós. Por essas ações, ele conclui, podemos participar dos atos redentores de Cristo. Partindo do fato de que a Liturgia cristã é chamada de mistério, Casel argumenta que a existência de um acontecimento primordial de salvação se tornou presente a nós por um rito. E que o fiel de todos os tempos, ao participar do rito, realiza a sua história da salvação e a história da salvação universal³⁷.

Os ritos simbolizam o mistério cristão e o realizam em nós. Tal afirmação expressa a sacramentalidade da própria Igreja, que é chamada a ser sinal de salvação, sinal de adoração, sinal de união com a Igreja celeste, sinal de fraternidade no único sacerdócio real e santo de Jesus Cristo, sob o serviço daqueles que presidem no amor e na vontade de Deus. Assim, a Liturgia edifica aqueles que estão na Igreja, formando-os templo santo no Senhor (cf. SC 2). Não de um modo mecânico, automático, mas por um processo de conversão que leva à participação plena e frutuosa (cf. SC 14).

O mistério é revelado para que possamos tomar parte nele. A Liturgia é vista como ação simbólica que estabelece a relação entre o rito e o seu referente, o mistério pascal, e permite uma apropriação progressiva daquilo que cremos ser uma transformação pascal. Somos inseridos no mistério que celebramos e o rito se coloca como uma mediação.

³⁶ Cf. VAGAGGINI, 1964, p.133-135.

³⁷ Cf. CASEL, ob. cit., p.21-68.

A Liturgia é fonte da vida cristã (cf. SC 10). O que importa não é a busca por uma constante novidade ou pela diversidade, como que para escapar da monotonia; o que importa no rito é a penetração sempre mais profunda naquilo que não muda ou que muda muito pouco. O novo vem da assimilação progressiva daquilo que o rito representa, em diálogo com nossa realidade pessoal, comunitária e social que, por sua vez, muda freneticamente.

Ao participar da Liturgia nos é oferecida a oportunidade de interiorizar a maneira de ser de Jesus Cristo, de deixar que o Espírito Santo impulsione uma existência pascal. O que faz da Liturgia a meta para a qual se dirige a ação da Igreja (cf. SC 10). A partir desta realidade, a Liturgia é vivida de maneira sempre nova a cada celebração, na qual o Senhor nos revela sua Palavra e nos faz perceber as contradições presentes em nós. Assim, não somos nós quem devemos mudar os ritos, são os ritos que provocam e realizam em nós a mudança de caminho, a conversão (cf. Lc 24,33).

Fazei isto para celebrar minha memória

A fonte da presença divina no mundo através do mistério da Igreja é a exaltação do Cristo crucificado à direita do Pai, celebrada na Eucaristia, que constitui a Igreja como Corpo do Senhor ressuscitado. A Eucaristia é fonte de toda a ação da Igreja, sempre sacramental³⁸.

Na eucaristia nosso Salvador deixou à sua amada esposa, a Igreja, o memorial de sua morte e ressurreição (cf. SC 47). Nela celebramos o mistério pascal de Cristo. Comemos do mesmo pão, bebemos do mesmo cálice e assim proclamamos a vitória do Senhor sobre a morte (1Cor 11,25). Ele mesmo nos deu esta ordem: “Fazei isto para celebrar minha memória” (Lc 22, 19b, 1Cor 11,24b). Deste mistério a Igreja nasce e continuamente se alimenta (cf. SC 5). A Igreja vive uma história sagrada que é a história de Cristo, em Cristo mesmo e nos seus fiéis. Cristo aparece como motivo fundamental de toda a Liturgia, de toda a Escritura, de toda história e de toda a vida do fiel³⁹.

A revelação de Deus é a história do seu amor e da sua aliança com Israel e através de Israel com toda a humanidade. Ela alcança seu cumprimento em Jesus Cristo e no seu mistério pascal, que a Igreja celebra e vive na Liturgia enquanto espera a vinda gloriosa do Senhor. Na Liturgia a Igreja participa no mistério pascal de Cristo e entra no movimento dessa história de salvação, operando com a caridade de Cristo a transformação de si mesma e do mundo, antecipando na esperança o cumprimento escatológico do reino de Deus.

Francisco Taborda, explica que nos sinais do pão e do vinho fazemos memorial desse mistério e, através dele, somos transportados para o evento fundador da fé cristã: a morte e ressurreição de Cristo⁴⁰. O memorial, conceito grego *anámnesis*, é expresso nas palavras de Jesus na última ceia, ao instituir a eucaristia, e que ele mandou fazer todas as vezes que comemos do pão e bebemos do vinho eucaristizados (cf. 1Cor 11,24-25).

No entanto, como Taborda explicita, esse conceito é tradução do termo hebraico *zikkaron*, presente na narrativa da instituição da ceia pascal judaica (cf. Ex 12,14), que compreende a ideia de uma lembrança que não é mera recordação do passado, mas que possui um caráter performativo que expressa uma ação com consequências para o presente e para o futuro, e com isso uma ação que irrompe no presente abrindo o futuro⁴¹.

³⁸ Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 29.

³⁹ Cf. VAGAGGINI, 2009, p.417.

⁴⁰ Cf. TABORDA, 2005, p.42-87.

⁴¹ Cf. TABORDA, 2009, p.55-82.

Em síntese, o conceito “memorial” expressa uma lembrança no presente de algo do passado (evento fundador) por meio de um sinal (rito), que tem a força não só de presentificar culturalmente o passado, fazendo com que ele influencie o presente e lance horizontes para o futuro, como também de colocar o presente diante do passado, contagiando-o por sua força. O passado, em certo sentido, permanece passado, mas de forma presente. Ou seja, o que é recordado está localizado num espaço de tempo, mas o seu significado e valor simbólico ultrapassam a dimensão espaço-temporal. O que faz com que ao recordar sejamos capazes de provocar experiências que influenciem comportamentos e que provoquem conversão (eficácia salvífica).

Para uma melhor compreensão do mistério pascal de Cristo e de seu memorial, faz-se necessário um resgate de alguns elementos da páscoa judaica. No centro da economia salvífica do AT está a passagem do Mar Vermelho, a saída do Egito e a conseqüente libertação. Na narrativa de Ex 12,1-14, Deus anuncia que a passagem do mar será precedida por uma última ceia no Egito. Mediante o sangue do cordeiro, sinalizado nos umbrais das portas dos hebreus, Israel é declarado não mais propriedade do Faraó, mas marcado como pertencente ao Senhor, que lhe poupa a vida (cf. Ex 12,13).

A última ceia, realizada na véspera da passagem do mar, é referida, mediante uma prefiguração única, a seu futuro imediato, que é precisamente a passagem do mar. A passagem do mar remete ao sinal profético dado na última ceia do Egito, mediante uma prefiguração única, remete, ainda, ao futuro imediato do dia seguinte, que é precisamente o evento fundador. Com a passagem do mar, Israel morre para a servidão do Faraó e nasce para o serviço do seu Senhor⁴².

Mediante a expressão “este dia vos servirá de memorial” (Ex 12,14), o mandamento divino quer significar que o sinal do cordeiro pascal, dado na vigília da passagem do mar, não esgota nessa noite suas potencialidades teológicas. Esse sinal deverá ser retomado pelas sucessivas gerações, para que seja memorial da redenção. Ao se recordar, por meio do sinal, renova-se a força da experiência de libertação vivida.

Com efeito, Êxodo 12,14 serve de ordem de iteração: o sinal do cordeiro pascal é referido não só ao futuro imediato dos pais, que fisicamente estão para passar o mar, mas, sobretudo, ao futuro distante das gerações que, não fisicamente, mas na fé, serão libertos. Em virtude da ordem de iteração, o sinal do cordeiro pascal, primitivamente dado naquele contexto, supera o tempo e, tornando-se desse modo memorial, permitirá que a comunidade faça memória ritual daquele evento que é a passagem do mar.

À não repetição do evento fundador (passagem do mar) e do sinal profético dado naquele contexto (última ceia no Egito) corresponde a repetição do rito, ou seja, a celebração da páscoa. Tudo o que diz o ritual diz, de fato, repetição, diz iteração. Diz precisamente retorno e presença à eficácia salvífica do evento fundador, e isso graças à mediação do sinal profético. Não se trata de uma simples lembrança. Trata-se de uma participação do fato lembrado, graças à participação no rito celebrado.

Anunciando os eventos do Êxodo à comunidade doméstica reunida em torno de si, o pai de família, na celebração da páscoa, dá a conhecer aos presentes que cada um, pessoalmente, estava no evento fundador⁴³. Com efeito, nas margens do mar não estavam somente os pais que fisicamente o atravessaram, mas também cada um dos que hoje compõem a comunidade pascal e que estão dispostos a descerem às águas da morte, para morrer à servidão ao Faraó, e a sair das águas da vida para renascer no serviço do Senhor. Isso acontece ao tomar parte na ceia, ao comer o cordeiro. Com os “pés da fé” são deslocados para o evento fundador.

⁴² Cf. GIRAUDO, 2014, p.77-93.

⁴³ Cf. GIRAUDO, 2014, p.112-113.

Cesare Giraudo fala de uma reapresentação sacramental⁴⁴, na qual mediante a retomada e a repetição do sinal do cordeiro, profeticamente dado na vigília da passagem, realiza-se uma real reapresentação de toda a comunidade pascal ao evento fundador. Mas como a passagem do mar, feita pessoalmente pelos pais, é um evento único e que não se repete, não podemos certamente pensar que o evento fundador possa se fazer de novo presente na assembleia de hoje, no sentido de que possa ser repetido. O contrário é verdade, a comunidade hoje reapresentada ao evento fundador se deixa irradiar pela sua força salvadora.

O referido autor utiliza a terminologia eucarística das Liturgias antigas e dos Padres da Igreja, tipo e antítipo. A passagem do mar é o tipo, ou seja, o arquétipo, o referencial salvífico originário e único; e o sinal do cordeiro, dado na ceia institucional para ser retomado todo ano na repetição da ceia ritual, é seu antítipo, é sua contra imagem, ou seja, a imagem real é sua contrafigura, ou seja, a figura real, é seu memorial, é seu sacramento. Enfim, é o sinal que realiza o que significa⁴⁵.

A ceia de Jesus com os discípulos é lida nesse contexto. Os sinópticos apresentam a ceia pascal⁴⁶ como o cenário em que Jesus dá a ordem de iteração. O evento fundador do NT, que é a passagem de Jesus pelo mar da morte, teve também seu anúncio profético no gesto de partir o pão e distribuir o cálice, identificando-os com seu corpo entregue no dia seguinte⁴⁷. A última ceia é teologicamente inseparável da morte-ressurreição⁴⁸.

Giraudo conclui que na mediação dos sinais do pão e do vinho, Jesus profeticamente anuncia e realiza, salvificamente, o mistério de sua morte vicária. Ao instituir a eucaristia, Jesus entra em comunhão com sua morte-ressurreição nos sinais do pão e do cálice. Desse modo, a ceia se torna prefiguração única de um futuro imediato que ela salvificamente prenuncia e, de modo profético, realiza. Ao mesmo tempo, prenuncia um futuro longínquo destinado à iteração pela comunidade das gerações, ou seja, à Igreja⁴⁹.

Desse modo, a entrega de Jesus, sua morte-ressurreição, que aconteceu uma única vez, é rememorada por nós pela ação litúrgica, ou seja, todas as vezes que fazemos memória desses fatos e de nossa salvação (cf. 1Cor 11,26). Não se trata de uma repetição, mas de uma atualização. Ou seja, quando celebramos a eucaristia, comemos o verdadeiro Cordeiro Pascal, Jesus Cristo. Pela ação memorial o futuro se torna presente: a vinda gloriosa do Senhor é antecipada na ação ritual (cf. SC 8).

A celebração eucarística é, portanto, o nosso modo de retornar àquele mar que Jesus atravessou na sua morte-ressurreição; ela é, em grau máximo e ao mesmo tempo, o nosso Calvário e a nossa Páscoa⁵⁰. Pelo rito instituído por Jesus e pela fé com a qual o celebramos, somos realmente transportados, com nossos “pés teológicos”, com os “pés da fé”, ao Calvário e ao túmulo vazio do Ressuscitado⁵¹. O memorial nos permite romper com o espaço e o com tempo. Celebrar a eucaristia é manter viva a memória do Senhor, no sentido de que ele continua a salvar, a libertar e continua presente em sua Igreja (cf. SC 7).

O Mistério Pascal de Cristo é o centro e o objeto de toda e qualquer ação litúrgica, porque ele é a síntese de todo o percurso da História de amor entre Deus e a humanidade, a síntese de toda a

⁴⁴ Cf. GIRAUDO, 2014, p.81-85.

⁴⁵ Cf. GIRAUDO, 2014, p.87-93.

⁴⁶ Cf. Mt 26,17-19; Mc 14,12-16; Lc 22, 7-18.

⁴⁷ Cf. TABORDA, 2009, P.42-87.

⁴⁸ Cf. GIRAUDO, 2014, p.158.

⁴⁹ Cf. GIRAUDO, 2014, p.158.

⁵⁰ Cf. GIRAUDO, 2008, p.47.

⁵¹ Cf. TABORDA, 2009, p.42-87.

revelação-salvação. A Páscoa é, antes de tudo, a passagem de Deus no meio do seu povo (cf. Ex 12,11), sua descida entre os homens para escutar o seu sofrimento, que culmina na Encarnação do Verbo que vem partilhar e viver a dor da humanidade e se plenifica na sua paixão, morte e ressurreição, prolongadas nos sacramentos.

O que mistério que transforma a vida

A Liturgia não é outra forma de presença atual da Páscoa de Cristo, ela é o “lugar” mais apropriado que o Senhor Ressuscitado encontrou para nos ensinar o que é a Igreja e o seu papel no desdobrar-se da Salvação que se manifesta na vida humana. A Liturgia revela que a Igreja não é uma sociedade natural, mas uma comunidade de salvos-redimidos no mistério pascal. O culto cristão não se confunde assim com nenhum outro culto. A Liturgia transfigura o mundo, no sentido que os mortos ao pecado (cf. Rm 6, 11) se reencontram na Liturgia, interiormente transformados, com toda a sua cultura e a sua experiência.

O culto de uma Igreja batismal, isto é, mergulhada no mistério pascal de Cristo, permite ou possibilita ao batizado reencontrar-se com o mundo como um mundo redimido, reconciliado-transfigurado. Pois, segundo o Novo Testamento e a mistagogia dos Padres da Igreja, a vida cristã consiste na realização da vivência cotidiana da morte e ressurreição de Cristo, que se realizou em nós sacramentalmente na imersão e na emersão batismal e da qual nos nutrimos no banquete pascal, renunciando cada dia ao pecado, para viver em novidade e liberdade (cf. Rm 6, 3-11). A Liturgia, portanto, na sua essência, transmite-nos a tendência para nos fazer viver a salvação-mistério pascal em cada um dos seus momentos e consegue isso realizando, em nós, o mesmo mistério pascal reproduzido no seu momento culminante: morte e ressurreição de Cristo.

A vida cristã aprende da Liturgia que todo o seu ser, toda a sua existência consiste em realizar no cotidiano o que celebrou e sacramentalmente recebeu. Aprende a urgência de deixar-se penetrar pelo mistério que recebeu pela fé até que se cumpra plenamente a bem-aventurada esperança e venha o nosso Senhor e salvador Jesus Cristo. Assim toda a vida cristã, pela participação nos sagrados ritos, torna-se uma vida escatológica, porque aponta para aquela Páscoa definitiva quando participaremos do grande banquete das núpcias do Cordeiro.

A Liturgia é a primeira escola da fé, na qual se conhece o mistério de Deus, celebrando-o. A celebração do mistério na Liturgia é, portanto, a atualização do próprio mistério pascal de Cristo e esta mesma celebração sacramental requer a ministerialidade da Igreja, que ritualiza a fé naquele único mediador entre Deus e os homens, que nos deu a plenitude do culto divino (cf. SC 5). A Liturgia é, desta forma, a ação ministerial da Igreja que torna presente o mistério de Cristo, isto é, o prolongamento visível do mistério e ministério salvífico de Cristo na Igreja. Em síntese, para a *Sacrosanctum Concilium*, a finalidade essencial da Igreja consiste em tornar os crentes partícipes do mistério pascal, mistério este que se manifesta e que se realiza de maneira integral quando a Igreja é convocada em assembleia litúrgica, de maneira especial no dia do Senhor, para a celebração eucarística.

A oração da Igreja é sempre um dom de Deus e é realizada pela comunidade cristã reunida. O fundamento teológico da oração é a presença de Cristo em nós. O mistério da fé, que a Igreja professa e celebra sacramentalmente, exige que a vida dos fiéis seja configurada com Cristo no Espírito Santo. A oração litúrgica é participação na oração de Cristo dirigida ao Pai no Espírito Santo.

A Igreja convida a redescobrir a celebração litúrgica como expressão da autêntica vida espiritual. Neste sentido, exorta a uma contínua renovação e uma constante formação litúrgica.

A Liturgia não é, em primeiro lugar, uma doutrina a compreender, mas um manancial inesgotável de vida e de luz, para a compreensão e a experiência do mistério cristão. Para esta Constituição conciliar, a Igreja deve garantir uma vida litúrgica a cada cristão, uma vez que, para a qualidade da vida de fé, é necessária uma profunda sintonia entre o que a Liturgia transmite e aquilo que ele vive, em conformidade com a fórmula litúrgica, assumida pela própria Constituição: "Que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé" (cf. n. 10).

Quem preside a missa introduz o Santo, convidando a cantá-lo em comunhão com os anjos e os santos do céu. Esta não é uma linguagem figurativa, mas sacramental-real. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma: "O sumo sacerdote da nova e eterna aliança, Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão" (SC 83). De fato, ele que está à direita do Pai, fala-nos na proclamação e explicação da Palavra e com ele e por ele nós nos dirigimos ao Pai, unidos no Espírito Santo; estando, portanto, em íntima comunhão com as três pessoas da Santíssima Trindade, participando da sua ação, como partilhamos também a vida divina, por força do nosso batismo. Por isso, a Constituição sobre a Liturgia pode com todo direito dizer: "Na Liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos" (SC 8).

Insistindo sobre a qualidade da participação na celebração litúrgica, a Constituição confirma com vigor o fato de que na Liturgia da Nova Aliança cada cristão é plenamente *leiturgos*, enquanto a oferta da sua vida, em comunhão com o sacrifício de Jesus Cristo, levado a cabo de uma vez para sempre, é o culto espiritual que agrada a Deus. Por conseguinte, a oferenda existencial exige a participação consciente, completa, ativa, interna e externa na oferta sacramental. Por conseguinte, o cristão que celebra a sua fé deve conceder o primado à interiorização, ou seja, à apropriação pessoal daquilo que ele escuta e realiza na Liturgia. Somente uma interiorização autêntica garante uma exteriorização capaz de exprimir aquilo que se vive de maneira profunda. Este é o modo plenamente ativo de viver a Liturgia, desejado pela *Sacrosanctum concilium*.

O conceito de Liturgia que o Concílio nos apresenta coloca a dinâmica celebrativa nesta perspectiva em que experimentamos a realidade da salvação no mistério celebrado e Deus se revela nos indicando o caminho para chegar a Ele. A Liturgia é a presentificação e aplicação da obra salvífica de Cristo, ela é comunhão de ação do sumo sacerdote Cristo e de sua Igreja para a santificação dos homens e glorificação de Deus.

Deus atua em Cristo se voltando para os seres humanos; estes, por seu turno, louvam e adoram em e com Cristo o Pai na virtude do Espírito Santo. Assim, abrir-se ao mistério garante a fecundidade do culto, do contrário o ser humano se coloca diante de si mesmo. Apresenta-se o valioso conceito de participação: acolher o dom oferecido por Cristo. Na dimensão da adoração revela-se o dado mais humanizante: ser para Deus. A Liturgia nos faz olhar para a origem e retomar o caminho. Deus se faz um conosco, para nos levar a Ele. Por isso, o próprio Cristo é tomado como lugar, mediador, oferenda do culto por excelência: "Ele é ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro" (Prefácio V Páscoa). Antes de ser ação da Igreja diante de Deus, é ação de Cristo na Igreja, de modo tal que a Liturgia precede a Igreja com prioridade tanto de natureza quanto de lógica, já que a Igreja primeiro é o sujeito passivo da Liturgia, depois é que se torna sujeito ativo. Se a Igreja é em primeiro lugar passiva da Liturgia, a Liturgia é o elemento constitutivo da Igreja. Assim dizemos: "A Eucaristia faz a Igreja".

Por assim dizer, a Liturgia cristã é a Liturgia da promessa cumprida, a aproximação da meta da procura que existe na história religiosa. Mas ao mesmo tempo, é a Liturgia do caminho, da peregrinação que tem em vista a transformação do mundo, a qual só acontecerá, quando for "Deus

tudo em todos”. Por isso, a Liturgia nos insere no mistério celebrado. A Liturgia é vista como certa continuação real da encarnação do Senhor. No dinamismo da história apresentamos as estruturas de hoje e ancorados na ação de Deus, lançamo-nos para o futuro. Nessa perspectiva o Vaticano II descreve a Liturgia como “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda sua força” (SC 10). Em nenhum outro lugar a Igreja se realiza de modo tão intenso quanto principalmente na eucaristia. No entanto, o ser e o fazer da Igreja não se esgotam nisso (cf. SC 9). Quem é integrado cada vez mais como membro do corpo de Cristo na e mediante a Liturgia, reconhece que está comprometido da mesma forma com a salvação de toda a humanidade. O dom recebido na celebração se torna incumbência de servir, que deve ser confirmada sempre de novo.

O culto litúrgico é comunitário e é ação pessoal: em primeiro lugar de Cristo e, depois da Igreja com Cristo. É o culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai e que a comunidade dos fiéis presta ao seu fundador e, por meio dele, ao Pai, ou, então, mais brevemente: a Liturgia é o culto público total do corpo místico de Cristo: Cabeça e membros (cf. SC 7).

O conceito ultrapassa uma visão exterior ou jurídica e toca toda a existência cristã. Ao introduzir o conceito e realidade do mistério pascal, a SC põe o culto do Novo Testamento como lugar em que é coextensivamente teológico e litúrgico, isto é, confere-lhe uma dimensão particular. Com efeito, o mistério pascal não é determinação temporal que indique um dia especial no calendário religioso, mas é fato teológico que tem uma modalidade litúrgica; esse agora se realiza na Igreja com dimensões históricas. A Liturgia, na verdade, nada mais é do que realização do “anúncio da morte e ressurreição do Senhor até que ele venha”, de que fala S. Paulo (1Cor 11,26). Ela é anamnese, memória atual e real das realidades que o próprio Cristo operou.

A definição de Medellín talvez realce um elemento significativo, a referência ao Espírito Santo, de certa forma lacuna na definição conciliar: *“A Liturgia é a ação de Cristo Cabeça e de seu corpo que é a Igreja. Contém, portanto, a iniciativa salvadora que vem do Pai pelo Verbo e no Espírito Santo, e a resposta da humanidade naqueles que se enxertam, pela fé e pela caridade, no Cristo, recapitulador de todas as coisas. A Liturgia, momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma, realiza indissolivelmente unidas, a comunhão com Deus e entre os homens, e de tal maneira que a primeira é a razão da segunda. Se antes de tudo procura o louvor da Glória e da graça, também está consciente de que todos os homens precisam da Glória de Deus para serem verdadeiramente homens (Medellín – lit. 9,2)”*.

A Liturgia é vida para a Igreja: a vida da Igreja se resume no serviço a Cristo que salva. Por isso, a Igreja é sinal, instrumento e sacramento visível de unidade e salvação. Este serviço é de modo especial a Liturgia – serviço em favor do povo. Nela a Igreja atualiza o Mistério Pascal do Cristo para a salvação do mundo e louva a Deus em nome de toda a humanidade. A Liturgia é o momento culminante da vida da Igreja, da atuação do Espírito Santo e da presença do Cristo Glorioso. É a vida da Igreja em que o Cristo se faz presente, realizando a salvação do seu povo. Liturgia é, portanto, a salvação celebrada atualizada, acontecida e vivida.

A pastoral litúrgica é o grande desafio, um compromisso permanente, para buscar cada vez mais abundantemente a riqueza da Liturgia, como força vital que, a partir de Cristo, difunde-se nos membros de seu Corpo, que é a Igreja. A Liturgia é a expressão mais completa do mistério da Igreja, de tal maneira que se pode afirmar que a comunidade cristã, segundo o modo de viver a Liturgia, exprime e manifesta a experiência de Igreja que ela mesma vive. Assim, trata-se de expressar e construir uma imagem de Igreja, povo de Deus, que celebra o Mistério: a imagem de Igreja que se manifesta na comunidade real e quotidiana, que celebra o Domingo, que vive os ritmos do ano

litúrgico, que se anima pelas suas próprias festas e tradições particulares e que está atenta aos pobres que vivem no meio dela.

Consideramos a necessidade de exprimir os sentimentos, de manifestar as emoções, na tentativa de conferir à Liturgia uma expressão de vida, um clima de festa e de alegria. Contudo, a Liturgia cristã não é a simples soma das emoções de um grupo, e muito menos o receptáculo de sentimentos pessoais e coletivos. Pelo contrário, a Liturgia é tempo e espaço para interiorizar as palavras que nela se escutam e os sons que se ouvem, para se apropriar dos gestos que se cumprem, para assimilar os textos que se recitam e se cantam, para se deixar penetrar pelas imagens que se observam e pelos perfumes que se sentem. A Liturgia deve ser lugar em que cada cristão é progressivamente configurado pelo mistério que celebra e pela fé que confessa. Devemos dar passos na direção de uma pastoral litúrgica que concentre a sua atenção em “ser” mais do que “fazer”. Uma pastoral que nos ajude a compreender que a mesa do altar é mesa do serviço, é mesa do compromisso, é mesa do lava-pés (cf. Jo 13,14).

Referências Bibliográficas:

- ALDAZÄBAL, J. Domingo, Dia do Senhor. In: BOROBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja: ritmos e tempo da celebração*, Loyola, São Paulo, 1990.
- CARPANEDO, P. *Tempo para amar: mística para viver o ano litúrgico*. São Paulo, Paulus, 2008.
- BUYST, I-ARIOVALDO, J. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BUYST, I. *O segredo dos ritos. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo, Paulinas, 2002.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Animação da vida litúrgica no Brasil* (Doc 43). Brasília: Paulinas, 1989.
- FORTE, B. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.
- GUARDINI, R. *O Espírito da Liturgia*. Rio de Janeiro: Ed. Lumem Christi, 1942.
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Dies Domini”, sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- KNÜPP, A. O tempo e sua influência no comportamento humano na contemporaneidade, in: *Tear Online*, São Leopoldo, v.2, n.1, p.37-47, jan/jun. 2013.
- LÓPEZ MARTÍN, J. O tempo da celebração. In: *No Espírito e na verdade*. Vol. II: Introdução antropológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1997. p.204-237.

- MARTIMORT, A. (Org.). *A Igreja em oração. Introdução à Liturgia IV: A Liturgia e o Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RATZINGER, J. *Introdução ao espírito da Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- RATZINGER, J. *La discusión sobre el espíritu de la Liturgia*. 2012. v. XI. p.483.
- RYAN, V. *O domingo: história, espiritualidade, celebração*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SARTORE, D (org.). *Dizionario de Liturgia*. San Paolo: Milano, 2001. pp.584-602.
- SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus. Estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- SILVA, J. *O domingo, páscoa semanal dos cristãos*. 3ªed. São Paulo, Paulus, 2005.
- TABORDA, F. *O memorial da Páscoa do Senhor. Ensaio litúrgicos-teológicos sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- TAGLIAFERRI, R. *La "magia" del rito*. Padova: Messagero di S. Antonio, 2006.
- TRIACCA, A. Tempo e Liturgia. In: TRIACCA, A.-SARTORE, D. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p.1163-1174.
- WHITE, J. *Introdução ao culto cristão*. 2ªed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2005.